

Índice

p.	9	Introdução
13	Capítulo 1	<i>Fonte bíblica: Antigo Testamento</i>
49	Capítulo 2	<i>Fonte bíblica: os Evangelhos</i>
111	Conclusão	
119	Referências	

Introdução

Como é difícil experimentar a presença de Deus na nossa vida! Como é difícil! Mas o ser humano faz sua busca incessantemente. Cada um do seu jeito. A humanidade se sente muito limitada e, por isso, quer preencher-se com respostas de vida que possam apagar a sua sede. Até quando essa humanidade mergulha na dor, nas angústias, na tristeza e nas traições? Quem pode amparar os seres humanos de verdade? Eis que a maioria total das pessoas reconhece que o Senhor é a resposta da vida delas. E, com isso, com toda a força, o suplicam. É essa oração que permite a proximidade de Deus pelos eventos da história. Vejamos o que proclama o Salmo 12 do Antigo Testamento:

Até quando, Senhor, de todo vos esqueceréis de mim? Por quanto tempo ainda desviareis de mim os vossos olhares? Até quando aninharei a angústia na minha alma, e, dia após dia, a tristeza no coração? Até quando se levantará o meu inimigo contra mim? Olhai! Ouvi-me, Senhor, ó meu Deus! Iluminai meus olhos com vossa luz, para eu não adormecer na morte, para que meu inimigo não venha a dizer: Venci-o; e meus adversários não triunfem no momento de minha queda, eu que confiei em vossa misericórdia. Antes possa meu coração regozijar-se em vosso socorro! Então cantarei ao Senhor pelos benefícios que me concedeu.

Vimos que o salmo inicia insistindo com «até quando?», expressão típica de pedido de ajuda de quem se acha no desespero,

na solidão e na dor. Uma forte oração da pessoa. Quantas vezes constatei e constato essa realidade de lamentação do ser humano. Uma vez cheguei a visitar uma casa bem humilde em uma periferia de uma grande cidade. Quando entrei na casa veio ao meu encontro um senhor se arrastando no chão. As pernas ficaram paralisadas. Aparentava uma idade de cinquenta e poucos anos. Quando o saudei, ele me respondeu com muito carinho e atenção. Então, naquele tempo era bem mais novo, consegui sentar com ele no chão, e aí começamos falar.

Naturalmente, fiquei curioso em saber por que se achava naquela situação de paralisção. Aí, ele me contou toda a sua história. Ele foi religioso consagrado e depois largou a batina por diversas e graves motivações. Não encontrou ninguém que o tivesse ajudado a solucionar os seus graves problemas. Entrou em um profundo abandono. Parecia que até Deus o tivesse abandonado. Lembro-me dessas palavras dele: «Noites e noites clamando por Deus, mas o silêncio era total, me parecia não enxergar mais nada; estava perdido!» Acabou na rua como um pobre mendigo. Até os familiares não quiseram mais acolhe-lo. A solidão tomou conta dele. Ele chegou a me dizer que pensou seriamente de acabar com tudo pelo suicídio.

Disse-me: «Não tinha mais sentido a minha vida!». Perante essa realidade, parece que ressoam as palavras do salmo: «Até quando, Senhor, esquecerás de mim?» Esse grito de dor desse irmão parece um som vazio: ninguém ouve, parece que nem mesmo Deus. Até o sofrimento da humanidade não cessa de interceder para reverter a situação. Porém, como dizia esse irmão abandonado, não obstante estar nessa situação, ele continua clamando por Ele: «Meu Deus!». E sim, me disse, é «Ele a minha rocha, onde me segurar, porque um dia, com certeza, Ele vai me escutar». E continua: «É esta confiança que estou ainda levando em frente nessa minha miserável vida». Aquele Deus que parecia indiferente, agora alimenta a esperança desse filho confinado e longe de todos.

A dor dele é grande, arrasadora, mas a esperança nEle supera tudo isso. Tanto é verdade que pude ver como o seu rosto era mar-

cado por um envelhecimento bem precoce, mas os seus olhos brilhavam como dois faróis de noite. A sua total confiança em Deus era de fato a única em que lhe restava apostar; alimentava que o seu futuro estava nas mãos dEle e que essa dramática vida terrena, portanto, não podia ficar para sempre. Confiava fielmente na misericórdia de Deus pai, porque o amor Dele não pode desaparecer de um dia para outro.

«Única força que me resta, insistia, é a minha constante oração a esse Deus que gosta de amar, de perdoar. Nessa minha miserável peregrinação nesse mundo é sustentada da convicção que Ele está sofrendo comigo e assim não me sinto só!». Essa luz que ilumina o horizonte dele é a verdadeira esperança de toda a humanidade. Essa proximidade de Deus se faz presente não tanto pela dor, mas pela alegria de rezar, de tentar se colocar em sintonia com Deus, de pertencer a Ele. Assim sendo, quem garante a superação da nossa miséria humana é somente Ele: o Deus de Jesus Cristo. Somente Ele pode mudar em alegria as nossas aflições. A história desse irmão é a história da nossa humanidade. Nem tudo está perdido, porque Deus caminha com a gente.

O livro apresenta uns fundamentos para uma Teologia da Proximidade a partir das Sagradas Escrituras. Ela nos revela o quanto Deus está próximo de seu povo. É uma proximidade bem dinâmica e construtiva. Revela como Deus plasma o ser humano, porque enxerga perfeitamente sua realidade e, por isso, faz uma Aliança com seu povo. A iniciativa sempre parte primeiro de Deus, porque ama infinitamente a sua obra. E, como resposta a essa Aliança, o ser humano tenta ser obediente ao seu Deus. Enfim, como os profetas se dedicam para que a Aliança, a presença de Deus, não seja prejudicada pela infidelidade do povo escolhido. Isto significa que Deus não abandona seu povo, não obstante toda a sua provocação em seguir até caminhos não retos ou das divindades pagãs. E Jesus Cristo tem um papel determinante para nos revelar quanto é verdadeiro o amor de Deus pela sua criação. Gestos, Palavras e testemunho do divino Mestre nos mergulham na profundidade da vida.

Capítulo 1

Fonte bíblica: Antigo Testamento

1.1. Deus plasma o ser humano

«Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou» (*Gn* 1,27). Vimos que a origem do ser humano não é obra dele, mas pertence a alguém que está fora dele¹. E o livro do Gênesis nos conduz a compreender que o ser humano é uma obra criada e que não lhe pertence, mas depende de alguém; e, para a Sagrada Escritura, depende de Deus, que é a origem de tudo. Portanto, o seu sentido de “ser” deve sempre ser resgatado a partir da sua origem. Sem ter esse conhecimento, ele pode se esvaziar desde o começo da sua mesma compreensão. Para dar sentido a sua vida, o homem e a mulher devem reconduzi-la a Deus. É daí que se enriquece e se compreende a majestade e preciosidade da sua vida. Assim sendo, a origem da vida humana é divina, e, evidentemente, isto a conduz para uma dignidade superior a qualquer criatura criada ao seu redor².

Nos primeiros versículos do livro de Gênesis, notamos que essa

1. R. Albertz, C. Westermann, “Rúach-Spírito”, em E. Jenni, C. Westermann, *Dicionário «Teológico dell’Antica Testamento»*, edição italiana a cura de G.L. Marietti, Casale Monferrato 1982, vol. 2º, pp. 654-678.

2. E Gregório Magno diz: «O que é, de fato, a Sagrada Escritura se não uma espécie de carta de Deus onipotente à sua criatura? [...] Seja bem disposto, te peço, e medita todos os dias as palavras de teu Criador; aprende a conhecer o coração de Deus nas palavras de Deus para desejar mais ardentemente os bens eternos, porque o vosso coração arde com os maiores desejos para as alegrias do céu». Em Gregorio Magno, *Lettere (IV-VII)*, a cura di V. Recchia, Roma 1996, (Opere di Gregorio Magno, V/2), p. 229: V, 46.

criação estabelece uma proximidade do Criador com a criatura. É essa proximidade que cria, que gera e estabelece a ordem da criação. A partir desse princípio, podemos constatar que a proximidade é que permite discernir, compreender e manipular a realidade. Continua o livro Sagrado: «Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”» (Gn 1,28). A resposta a essa proximidade de Deus com o ser humano se torna fecunda e de maior participação com a obra toda que existe no criado. Porém, não é uma participação de domínio, mas de colaboração para a finitude do mesmo criado.

Tendo adquirido o homem e a mulher o sopro vital do Criador, pela sua proximidade, eles conseguem agora expandi-lo na continuação da sustentação e aperfeiçoamento da criação³. Desse jeito, essa proximidade de Deus se perpetua na ação do ser humano em relação com tudo o que existe, como instrumento visível de gratuidade divina. Leva-o a olhar toda a criação com os olhos de Deus. De novo o livro de Gênesis: «Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera» (Gn 2,2). É nessa proximidade que a criatura compreende a ação do Criador. Ação essa que tem um início e um fim. E essa conclusão se dá como um descanso, porque a obra do Criador é entregue as suas criaturas⁴.

Santo Ambrósio⁵ dizia: «Deus descansou porque tinha o ser humano para amar»⁶. Essa colocação nos permite discernir que a proximidade do Criador com a criatura continua, apesar de “não ser face a face”, e se dá com esse amor destemido por ele. A certeza de que o Criador não se separa de nós, aumenta o “sopro de vida”

3. Os exegetas, hoje em dia, concordam em interpretar que o “domínio” que Deus conferiu ao ser humano sobre as aves e todos os animais é um compromisso de levar em frente a tarefa não de despotismo, mas de colaborar, de cuidar como responsável da criação.

4. G. Ravasi, *Il libro della Genesi*, Città Nuova, Roma 1993.

5. S. Ambrósio (340-397) foi bispo da Arquidiocese de Milão e é considerado um dos Padres latinos e Doutores da Igreja.

6. *Exameron*, VI, 10, 76: Saemo 1, p. 418.